

LORETTA CHASE

Autora de O Príncipe dos Canalhas

O Último dos Canalhas



*O Último
dos Canalhas*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PRÓLOGO

Longlands, Northamptonshire – Setembro de 1826

Os estudiosos de genealogia concordavam que a família Mallory, do duque de Ainswood, viera da Normandia e se estabelecera na Inglaterra do século XII ao mesmo tempo que várias outras de mesmo nome.

Segundo etimologistas, “Mallory” significa “infeliz” ou “azarado”. Mas na história da família do duque, queria dizer “encrenca”, com “E” maiúsculo. Alguns antepassados do duque tinham vivido muito, outros pouco, mas todos tiveram em comum uma vida intensa, porque essa era sua natureza: serem canalhas notórios de nascença.

Com o passar do tempo, porém, a família começara a se aquietar. O quarto duque, um velho perverso e devasso que morrera fazia uma década, tinha sido o último de sua geração. Os que sobraram eram um novo tipo de Mallory: mais civilizado, até mesmo virtuoso.

Exceto o filho único do irmão mais novo do quarto duque.

Vere Aylwin Mallory era o último canalha da família. Com bem mais de 1,80 metro, era o mais alto de todos e, segundo alguns, o mais bonito, além do mais tresloucado. Tinha o denso cabelo castanho do pai e em seus olhos – que tinham o verde mais escuro da geração anterior – brilhavam séculos da malícia e da sedução que arruinara centenas de mulheres. Com quase 32 anos, ele já pecara bastante.

No momento, ele estava percorrendo a floresta da grande propriedade em Longlands, a região natal do duque de Ainswood. Vere se dirigia à estalagem Hare and Pigeon, num povoado próximo.

Num zombeteiro tom de barítono, entoava o serviço fúnebre anglicano com a melodia de uma balada obscena. Já o ouvira com tanta frequência na última década que o sabia de cor, desde a abertura – “Sou a ressurreição e a vida” – até o “amém” final.

– Visto que Deus Todo-Poderoso, em sua grande misericórdia, quis levar a alma de nosso querido irmão...

Ao falar “irmão”, sua voz ficou embargada. Ele enrijeceu os ombros lar-

gos, tentando conter o tremor que lhe sacudia o corpo. Apoiou-se num tronco de árvore, trincou os dentes e fechou os olhos com força, esperando que o sofrimento avassalador se amenizasse.

Tinha passado boa parte da última década de luto e havia derramado muitas lágrimas nos últimos sete dias, desde que seu primo Charlie, o quinto duque de Ainswood, dera o suspiro final.

Charlie agora se encontrava no mausoléu com os outros que o Deus Todo-Poderoso “quisera levar” ao longo dos dez anos anteriores. A interminável sucessão de funerais havia começado com o do quarto duque, que, na ausência dos pais de Vere, que morreram quando ele tinha 9 anos, fora como um pai para ele. Desde então, a morte reivindicara os irmãos de Charlie, junto com as esposas e os filhos homens, várias das meninas, além da mulher e do primogênito de Charlie.

Apesar dos anos de prática, o último funeral fora o mais difícil de suportar, já que Charlie não só era o primo Mallory mais querido de Vere, como um dos três homens que ele via como irmãos. Os outros dois eram Roger Barnes, visconde de Wardell, e Sebastian Ballister, o quarto marquês de Dain. Este último, um gigante mais conhecido como lorde Belzebu, era considerado por todos uma mancha odiosa no brasão de sua família. Ele, Wardell e Vere tinham sido parceiros de crime desde que estudavam em Eton. Mas o visconde fora morto durante uma briga de bêbados fazia seis anos e Dain partira para a Europa continental alguns meses depois, estabelecendo-se de vez em Paris.

Não lhe restava ninguém importante. Do ramo principal da família, agora havia apenas um homem além de Vere: Robin, de 9 anos, o caçula de Charlie, que acabara de se tornar o sexto duque de Ainswood.

Charlie também havia deixado duas filhas, se é que alguém contava as mulheres – o próprio Vere não se importava – e seu testamento nomeava o parente do sexo masculino mais próximo como guardião das crianças. Não que Vere precisasse cuidar diretamente deles. Ainda que a lealdade familiar levasse as pessoas a tolerarem o último Mallory canalha – assim como a tradição ditava a nomeação de guardiões –, ninguém, nem mesmo Charlie, poderia acreditar que Vere era adequado para criar três crianças inocentes. Portanto, uma das irmãs casadas de Charlie se responsabilizaria por isso.

Em outras palavras, a posição de guardião era puramente nominal, o

que estava ótimo, já que Vere não tinha dedicado um pensamento sequer aos filhos do primo desde que chegara, uma semana antes – a tempo de assistir à partida de Charlie para o além.

Para seu horror, tudo era exatamente como o tio havia previsto dez anos antes, em seu leito de morte.

– Eu vi tudo quando eles estavam reunidos ao meu redor. Eu os vi chegando e indo embora. Carregados de má sorte. “Ele vem, e é ceifado como uma flor.” Dois dos meus irmãos foram ceifados muito antes de você nascer. Depois seu pai. E hoje eu os vi, meus filhos: Charles, Henry, William. Ou seria a fantasia de um homem moribundo? “Ele se foi como uma sombra.” Eu os vi: sombras, todos. O que você fará então, rapaz?

Na época, Vere pensara que o velho estava caduco. Agora sabia que não. *Sombras, todos.*

– Acertou em cheio, por Lúcifer! – murmurou enquanto se afastava da árvore. – Acabou sendo um profeta maldito, tio.

Retomou o serviço fúnebre de onde havia parado, entoando as palavras solenes de modo mais lascivo enquanto caminhava, ocasionalmente lançando um sorriso de desafio para o céu.

Os que o conheciam melhor, caso pudessem observá-lo naquele momento, entenderiam que ele estava desafiando o Todo-Poderoso, assim como havia feito com seus companheiros mortais. Vere Mallory estava procurando encrenca, como sempre, e dessa vez tentava provocar uma briga com o próprio Criador.

Só que não deu certo. O encrenqueiro chegou ao fim do serviço fúnebre sem que Deus retribuísse nem mesmo com uma trovoada de reprovação. Vere já ia iniciar a parte da oração do dia quando escutou gravetos se partindo e folhas farfalhando em meio ao som apressado de passos. Virou-se... e viu o fantasma.

Não se tratava de um fantasma, claro, mas chegava perto. Era Robin, tão dolorosamente parecido com o pai – louro e magro, com os mesmos olhos verde-mar – que Vere não suportava olhar para ele. Durante a semana anterior, Mallory fora bem-sucedido em evitá-lo.

Mas o garoto estava correndo em sua direção, logo não havia como escapar. Também não dava para ignorar aquela pontada de sofrimento. Vergonhosamente, Vere também estava irritado e ressentido por o menino estar vivo enquanto o pai se fora.

Com o maxilar retesado, ele lançou a Robin um olhar nada receptivo. O garoto parou a alguns passos de distância. Então seu rosto enrubescou e os olhos chamejaram, e ele surpreendeu Vere, acertando-lhe uma cabeçada na barriga.

Ainda que o abdômen de Mallory fosse quase tão mole quanto ferro fundido, o garoto não só continuou dando cabeçadas, como passou a socá-lo. Sem dar importância à enorme diferença de idade, tamanho e peso, o jovem duque desferia golpes no primo, um Davi enlouquecido tentando derrubar Golias.

Nenhum dos membros civilizados da família Mallory saberia o que pensar desse ataque desesperado e aparentemente louco. Mas Vere não era civilizado e o compreendia perfeitamente.

Ficou parado e deixou que Robin o atingisse dezenas de vezes, assim como o avô de Robin havia ficado um dia, muitos anos antes, enquanto um enfurecido Vere que acabara de perder os pais lhe desferia socos. Na ocasião, não soubera o que fazer além de chorar e, por algum motivo, isso estava absolutamente fora de questão. Da mesma forma que Vere, Robin seguiu em frente, lutando contra um pilar imóvel, até ficar exaurido e se deixar cair no chão.

Vere tentou se lembrar da fúria e do ressentimento de instantes atrás. Queria mandar o garoto para o inferno, desejava não se importar, mas foi em vão. Aquele era o filho de Charlie, e ele só podia estar desesperado, pois se esgueirara para longe dos familiares próximos e da guarda vigilante dos serviços e enfrentara sozinho uma floresta escura, tudo com o objetivo de encontrar o primo desregrado.

Vere não sabia de que Robin precisava, mas, claramente, o menino esperava que o primo resolvesse isso. Esperou até que a respiração do garoto se normalizasse, depois o colocou de pé.

– Você sabe que não deveria ficar a menos de um quilômetro de mim – disse Vere. – Sou má influência. Pergunte a qualquer um. Pergunte às suas tias.

– Elas não param de chorar – replicou Robin, olhando para as botas arranhadas. – Choram demais. E falam muito baixo.

– É, é horrível – concordou Vere, então se abaixou e espanou o casaco de Robin.

O menino o encarou... com os olhos de Charlie, porém mais novo e

bem mais confiante. Vere sentiu uma ardência nos olhos, empertigou-se e pigarreou.

– Eu estava pensando em deixá-las cuidar de tudo. Pensei em ir para... Brighton. – Fez uma pausa e disse a si mesmo que essa ideia por si só já era uma loucura. Mas o garoto viera até ele, e Charlie nunca abandonara Vere. A não ser ao morrer. – Gostaria de ir comigo?

– Para Brighton?

– Foi o que eu disse.

Os olhos jovens começaram a brilhar.

– Quer dizer, lá onde fica o Pavilhão?

A construção pomposa e gigantesca conhecida como Pavilhão Real era o equivalente, para o rei George IV, a um chalé à beira-mar.

– Ficava lá, na última vez em que olhei – respondeu Vere, e começou a andar de volta para a casa.

O garoto logo foi atrás, correndo para acompanhar os passos compridos do tutor.

– É tão bonito quanto parece nas pinturas, primo Vere? É mesmo como um palácio de *As mil e uma noites*?

– Eu estava pensando em partir amanhã bem cedo. Quanto antes formos, mais cedo você poderá julgar por si mesmo.

Se dependesse de Robin, eles poderiam partir naquele minuto. Se dependesse das tias do menino e dos maridos delas, Vere iria sozinho. Mas isso não era da conta deles, como bem lhes disse pouco depois. Sendo o guardião legal do menino, não precisava da permissão de ninguém para levar Robin a Brighton ou mesmo a Bombaim, se quisesse.

Mas foi o próprio Robin que silenciou as objeções. O som de pancadas fortes atraiu a família para fora da sala de estar, a tempo de ver o jovem duque puxando sua mala de viagem pela grande escadaria e pelo corredor gigantesco até o vestíbulo.

– Pronto, está vendo? – disse Vere, virando-se para Dorothea, a irmã mais nova de Charlie, que havia protestado por mais tempo e com mais intensidade. – Ele mal pode esperar para ir embora. Vocês são dramáticas demais... As lágrimas, as vozes baixas, as braçadeiras de luto e o tecido preto o apavoram. Tudo é escuro e os adultos ficam chorando. Ele quer ficar comigo porque sou grande e barulhento. Porque posso espantar os fantasmas. Você não percebe?

Percebendo ou não, ela cedeu e, assim, os outros logo a acompanharam na decisão. Afinal de contas, eram apenas algumas semanas. Nem mesmo Vere Mallory conseguiria arruinar a educação de uma criança num período tão curto.

Sem querer corromper o menino, ele partiu decidido a devolver Robin dentro de quinze dias.

Vere tinha plena consciência de que não poderia ser como um pai para ele nem para criança nenhuma. Não era casado nem tinha intenção de arranjar uma esposa que pudesse equilibrar seu jeito rude e deselegante. Sua criadagem era composta apenas de um serviçal, Jaynes, que possuía todas as qualidades maternas de um porco-espinho com problemas digestivos. Além disso, Mallory e o criado não tiveram uma moradia fixa desde que Vere saía de Oxford.

Em suma, esse não era o modo adequado de criar uma criança, principalmente uma destinada a assumir os fardos de um grande ducado.

Mesmo assim, as poucas semanas acabaram se estendendo para um mês, depois outro. De Brighton, viajaram para Berkshire, até o Vale do Cavalo Branco, para ver antigos desenhos equinos numa colina de calcário. Então visitaram Stonehenge e West Country, seguindo o litoral e explorando enseadas até Land's End.

O outono esfriou e se tornou inverno, que, por sua vez, esquentou, virando primavera. Nessa época, chegaram as cartas de Dorothea e das outras com lembretes não totalmente sutis: a educação de Robin não podia ser adiada por tempo indefinido, suas irmãs sentiam falta dele e, quanto mais o menino viajasse, mais difícil seria se readaptar.

Era tudo verdade, dizia a consciência de Vere. Robin precisava de uma família decente, de estabilidade, de um lar.

Mesmo assim, não foi fácil levar Robin de volta a Longlands, separar-se dele, ainda que, obviamente, essa fosse a atitude correta. A propriedade não estava tão triste quanto antes: agora, Dorothea e seu marido estavam estabelecidos lá, com as irmãs de Robin, além dos próprios filhos. Os cômodos ressoavam de novo com as cantigas e os risos das crianças e as bracheiras e os tecidos pretos já haviam dado lugar a tons menos lúgubres de meio-luto.

Vere realmente tinha feito seu trabalho: sem dúvida espantara os fantasmas, pois em poucas horas Robin já estava grudado nos primos, os fi-

lhos de Dorothea, atormentando as meninas. Quando chegou a hora de se despedir, Robin não demonstrou sinais de pânico. Não teve um chilique nem atacou Vere, mas prometeu escrever regularmente. Arrancou dele a promessa de que voltaria no fim de agosto para seu aniversário de 10 anos, depois correu para ajudar os primos a encenar a Batalha de Agincourt.

Vere retornou muito antes do aniversário. Menos de três semanas após partir de Longlands, ele voltou às pressas.

O sexto duque de Ainswood havia contraído difteria.

A doença ainda não era bem entendida. O primeiro relato preciso da infecção fora publicado na França apenas cinco anos antes. O que se compreendia, mas não se debatia, era seu alto nível de contágio.

As irmãs de Charlie imploraram a Vere, seus maridos tentaram impedi-lo, mas ele era maior do que todos e, quando estava furioso, nem um regimento de soldados podia contê-lo.

Subiu intempestivamente a grande escadaria e marchou pelo corredor até o quarto do doente. Expulsou a enfermeira e trancou a porta. Então sentou-se junto à cama e segurou a mãozinha fraca do menino.

– Tudo bem, Robin – disse ele. – Eu estou aqui. Vou lutar contra a doença por você. Deixe-a ir, entregue-a para mim. Ouviu, garoto? Jogue fora essa enfermidade maldita e deixe que eu a enfrente. Eu consigo, você sabe disso.

A mãozinha fria ficou imóvel na dele, grande e quente.

– Entregue-a, por favor – insistiu Vere, reprimindo as lágrimas, tentando conter o sofrimento. – É cedo demais, Robin. Você mal começou a viver. Não conhece nem uma fração do que existe... do que há para ver, para fazer.

As pálpebras do jovem duque estremeceram e se abriram. Algo parecido com reconhecimento tremeluziu em seu olhar. Por um instante, ele esboçou um sorriso. Então seus olhos se fecharam.

E foi só. Ainda que Vere continuasse instigando, implorando, ainda que se agarrasse à mãozinha, não pôde arrancar a doença e puxá-la para si. Não pôde fazer nada além de esperar e olhar, como tinha feito tantas vezes. Dessa vez foi uma espera breve, a mais breve e dura de todas.

Em menos de uma hora, enquanto o crepúsculo se transformava em noite, a vida do menino deslizou para longe e fugiu... como uma sombra.

CAPÍTULO 1

Londres – Quarta-feira, 27 de agosto

— **V**ou processá-los! – disse Angus Macgowan, furioso. – Há leis contra a calúnia neste reino e, se isso não é calúnia, eu sou um maldito bago de touro!

A enorme mastim preta que estivera cochilando diante da porta do escritório do editor levantou a cabeça e olhou com leve curiosidade de Macgowan para sua dona. Depois de se certificar de que ela não corria perigo iminente, a cadela pousou a cabeça outra vez nas patas dianteiras e fechou os olhos.

Sua dona, Lydia Grenville, de 28 anos, olhou para Macgowan com semelhante indiferença. Mas também não era fácil abalá-la. De cabelos claros e olhos azuis, com pouco menos de 1,80 metro, era quase tão delicada quanto uma valquíria ou uma amazona. Seu corpo, como o dessas guerreiras míticas, era tão forte e ágil quanto sua mente.

Quando Macgowan bateu o objeto de sua indignação sobre a mesa, Lydia pegou-o calmamente. Era a última edição da *Bellweather's Review*. Como o número anterior, dedicava várias colunas da primeira página a atacar o último empreendimento jornalístico de Lydia:

Lady Grendel, da Argus, voltou a lançar um ataque violento contra um público unsuspeitado, cuspido vapores venenosos numa atmosfera já densa de suas poluições. As vítimas, ainda se recuperando de investidas anteriores à sua sensibilidade, são atiradas outra vez no próprio abismo da degradação de onde sobe o fedor de criaturas imundas e maculadas – porque mal podemos chamar de humano o verme que ela usou como tema –, cuja cacofonia de uivos de autopiedade – nem podemos chamar de linguagem essas excreções – o monstro de espartilho da Argus...

Lydia parou de ler.

– Ele perdeu todo o controle da frase – disse a Angus. – Mas não podemos processá-lo por escrever mal. Nem por falta de originalidade. Pelo que

lembro, a *Edinburgh Review* foi a primeira a me dar o apelido do monstro de *Beowulf*. De qualquer modo, não acredito que alguém tenha a patente do nome “Lady Grendel”.

– É um ataque indecente! – exclamou Angus. – Ele praticamente chama você de bastarda no penúltimo parágrafo, e insinua que uma investigação do seu passado iria... iria...

– “... sem dúvida revelaria a simpatia inexplicável da virago da *Argus* por uma profissão antiga cujos sinônimos são doença e corrupção” – leu Lydia em voz alta.

– Calúnia! – gritou Angus, batendo com o punho na mesa.

A mastim ergueu os olhos de novo, soltou um profundo suspiro canino e depois se ajeitou de novo para dormir.

– Ele só dá a entender que já fui prostituta – replicou Lydia. – Harriet Wilson foi meretriz, no entanto seus livros vendiam muito bem. Se o Sr. Bellweather a xingasse na imprensa, ousou dizer que faria fortuna. Ele e seus colegas sem dúvida foram responsáveis pelo nosso dinheiro. O número anterior da *Argus* se esgotou em 48 horas. O de hoje vai acabar antes da hora do chá. Desde que os periódicos literários começaram a me atacar, nossa circulação triplicou. Em vez de processar o Sr. Bellweather, você deveria lhe escrever um bilhete de agradecimento e encorajá-lo a continuar com as boas ações.

Angus se deixou cair na cadeira atrás de sua mesa.

– Bellweather tem amigos em Whitehall – resmungou. – E algumas pessoas no Ministério do Interior não o que você chamaria de amigas.

Lydia sabia que havia incomodado algumas pessoas no círculo do secretário do Interior. Na primeira reportagem de sua série sobre o sofrimento das jovens meretrizes de Londres, ela sugerira a legalização da prostituição, o que permitiria à Coroa licenciar o ofício, assim como em Paris, por exemplo. Segundo Lydia, a regulamentação poderia pelo menos ajudar a reduzir os piores abusos.

– Peel deveria me agradecer. Minha sugestão foi recebida com tanto ultraje que a proposta dele, da Polícia Metropolitana, agora parece bastante amena e sensata para as mesmas pessoas que uivavam ser uma conspiração para esmagar o cidadão comum sob o calcanhar da tirania. – Ela deu de ombros. – Tirania, de fato. Se tivéssemos uma força policial decente, aquele demônio já teria sido apanhado.

O demônio em questão era Coralie Brees. Em apenas seis meses, desde

que chegara da Europa continental, ela ganhara a fama de pior cafetina de Londres. Para obter as histórias das suas empregadas, Lydia havia prometido não revelar o nome da mulher – não que a identidade da alcoviteira fosse ajudar à causa da justiça. Escapar das autoridades era um jogo para pessoas como ela, que tinham inúmeras habilidades. Mudavam de nome com tanta frequência e facilidade quanto o pai de Lydia para fugir dos credores e corriam como ratos, de um covil para outro. Não era de espantar que os policiais não conseguissem acompanhá-las, nem se sentissem compelidos a isso. Segundo algumas estimativas, em Londres havia mais de 50 mil prostitutas – boa parte delas com menos de 16 anos. Pelo que Lydia investigara, nenhuma das garotas de Coralie tinha mais de 19.

– Mas você a viu – disse Angus, interrompendo as reflexões soturnas de Lydia. – Por que não atçou esse monstro preto para cima dela? – Ele indicou a mastim com a cabeça.

– Não adianta prender a mulher se não há ninguém corajoso a ponto de depor contra ela – rebateu Lydia, impaciente. – A menos que as autoridades a peguem no ato, e ela toma cuidado para que isso não aconteça, não temos do que acusá-la. Não há provas. Nem testemunhas. A pequena Susan não poderia fazer muito por nós, a não ser matá-la ou aleijá-la.

Susan abriu um olho ao ouvir seu nome.

– Como a cadela só faria isso sob minha ordem – continuou Lydia –, eu seria processada por agressão ou enforcada por assassinato. Prefiro não morrer por causa de uma cafetina imunda e sádica.

Lydia recolocou a *Bellweather's Review* na mesa do patrão, depois pegou o relógio de bolso, que pertencera ao seu tio-avô Stephen Grenville. Ele e a esposa, Euphemia, haviam pegado Lydia para criar quando ela fizera 13 anos e tinham morrido no outono anterior, com horas de diferença.

Ainda que Lydia gostasse deles, não conseguia sentir falta da vida que levava com o fútil casal. Os dois não eram moralmente corruptos – como seu pai –, mas eram superficiais, estúpidos, desorganizados e afligidos por ataques virulentos de perambulação. Sempre queriam sacudir a poeira de algum lugar muito antes de ela ter tempo de se assentar. O território que Lydia havia percorrido com eles ia de Lisboa até Damasco e incluía os países do litoral sul do Mediterrâneo.

Porém, naquela vida, não teria um editor raivoso nem publicações rivais para fazê-lo soltar fogo pelas ventas.

Algo muito próximo de um sorriso curvou sua boca quando ela se lembrou do diário que havia começado – imitando a mãe falecida e muito amada – no dia em que o pai a abandonara aos cuidados incompetentes de Ste e Effie.

Aos 13 anos, Lydia era quase analfabeta e seu diário era cheio de atrocidades ortográficas e crimes horrendos contra a gramática. Mas Quith, o serviçal dos Grenvilles, lhe ensinara história, geografia, matemática e, o mais importante, literatura. Fora ele quem a encorajara a começar a escrever e ela havia pagado do melhor modo possível.

Lydia convertera em pensão para seu mentor o dinheiro que Ste lhe deixara como dote matrimonial. Não era um grande sacrifício. Desejava uma carreira de escritora, e não um casamento. E assim, livre de todas as obrigações pela primeira vez na vida, Lydia partira para Londres. Tinha levado cópias das matérias de viagens que havia publicado em alguns periódicos da Inglaterra e de outros países da Europa, além do que restava do “espólio” de Ste e Effie: uma variedade de enfeites, badulaques e um pouco de dinheiro.

O relógio de bolso era tudo que ainda tinha dos pertences deles. Mesmo depois que Angus a contratara, Lydia não se dera o trabalho de recuperar os outros itens que havia penhorado durante os primeiros meses difíceis em Londres. Preferia gastar o salário no que fosse de fato necessário. A última compra fora um cabriolé e um cavalo para puxá-lo.

Podia se dar a esse luxo porque estava ganhando bem, muito mais do que o normal. Havia esperado passar por dificuldades durante pelo menos um ano, escrevendo para os jornais, a 1 *penny* por linha, relatos de incêndios, explosões, assassinatos e outros acidentes e desastres.

Mas o destino a agraciara no início da primavera. Lydia havia entrado na redação da *Argus* quando a revista se achava à beira da falência, e seu editor, Macgowan, estava desesperado a ponto de fazer qualquer coisa que lhe desse uma chance de sobrevivência – até mesmo contratar uma mulher.

– Quase duas e meia – disse Lydia, pondo o relógio de volta no bolso e retornando ao presente. – É melhor eu ir. Vou me encontrar com Joe Purvis às três no restaurante de frutos do mar Pearkes’, para olhar as ilustrações do próximo capítulo da maldita história.

Ela se afastou, indo em direção à porta.

– Não são os desgraçados dos críticos literários, e sim, sua “maldita história” que fez nossa fortuna – replicou Angus.

A história em questão era “A rosa de Tebas”, aventuras de uma heroína contadas em fascículos de dois capítulos na bissemanal *Argus* desde maio. Só ela e Angus sabiam que o nome do autor, S. E. St. Bellair, também era uma obra de ficção.

Nem mesmo Joe Purvis sabia que Lydia escrevia os capítulos ilustrados por ele. Como todas as outras pessoas, acreditava que o autor era um solteirão recluso. Nem em seus sonhos mais loucos imaginaria que a Srta. Grenville, a repórter mais cinicamente teimosa da *Argus*, havia criado uma única palavra daquela história fantasiosa e tortuosa.

A própria Lydia não gostava de ser lembrada disso. Ela se deteve e se virou mais uma vez para Angus.

– Fanfarrice romântica – comentou.

– Que seja, mas é sua fanfarrice fascinante que prendeu os leitores, em especial as damas, e é o que os traz de volta implorando por mais. Maldição, até eu estou me retorcendo no seu anzol. – Angus se levantou e rodeou a mesa. – Aquela garota esperta, a sua Miranda... A Sra. Macgowan e eu estávamos conversando sobre ela, e minha esposa acha que aquele sujeito maligno e vistoso deveria cair em si e...

– Angus, eu me propus a escrever tal história idiota sob duas condições – interrompeu Lydia em voz baixa e dura. – Uma era não sofrer interferência sua ou de qualquer outra pessoa. A outra era o absoluto anonimato. – Ela o fuzilou com os olhos. – Se vazar a menor sugestão de que sou a autora daquela baboseira sentimental, vou considerá-lo pessoalmente responsável. Nesse caso, todos os contratos entre nós serão anulados.

Seus olhos azuis tinham uma semelhança espantosa com os de certos membros da nobreza, sob os quais gerações de subalternos haviam se intimidado.

Por mais que fosse um escocês de coração de leão, Macgowan se encolheu sob o olhar gélido como qualquer outra pessoa inferior, com o rosto avermelhado.

– Certo, Grenville – disse humildemente. – Foi muita indiscrição minha falar sobre isso aqui. A porta é grossa, mas é melhor não correr riscos. Você sabe que tenho plena consciência de minhas obrigações e...

– Ah, pelo amor de Deus, não precisa me bajular – reagiu ela com rispi-

dez. – Você me paga suficientemente bem. – Lydia marchou para a saída.
– Venha, Susan. – A mastim se levantou, a dona pegou a guia e abriu a porta. – Bom dia, Macgowan – despediu-se, e saiu sem esperar resposta.

– Bom dia – respondeu Angus, e acrescentou baixinho: – Majestade. Maldita rainha, é o que ela acha que é... mas a cadela sabe escrever, preciso admitir.

Nesse momento, muita gente na Inglaterra concordava que a Srta. Grenville sabia escrever. Porém, algumas teriam afirmado que o S. E. St. Bellair escrevia melhor ainda.

Era o que o Sr. Archibald Jaynes, criado do duque de Ainswood, estava tentando explicar ao patrão.

Jaynes não parecia um criado. Magro e musculoso, com pequenos olhos pretos muito próximos do nariz comprido e torto – por ter sido quebrado várias vezes –, mais parecia o tipo de rufião ardiloso encontrado frequentemente em apostas de corridas de cavalo ou lutas de boxe.

O próprio Jaynes hesitaria em se chamar de “cavalheiro de um cavaleiro” – expressão comumente usada para os valetes. Não que ele mesmo não fosse arrumado e distinto, mas seu patrão alto e bonito não era o que Jaynes poderia considerar um cavalheiro.

Os dois estavam sentados na melhor sala de jantar – o que não significava muito, na opinião de Jaynes – do Alamode Beef House, em Clare Court. A rua, uma via estreita perto da infame Drury Lane, nem de longe era a mais elegante de Londres, e a culinária do local não pretendia mesmo atrair paladares exigentes. Tudo isso servia admiravelmente ao duque, já que ele não era mais elegante nem exigente do que um selvagem mediano, talvez menos ainda, pelo que Jaynes tinha lido sobre as raças aborígenes.

Após destroçar rapidamente um alto monte de carne, Ainswood havia se acomodado – ou se esparramado, melhor dizendo – na cadeira e observava um garçom encher sua caneca de cerveja.

O cabelo castanho do duque, do qual Jaynes se esforçara tanto para cuidar pouco tempo atrás, agora estava numa desordem completa, como se declarasse jamais ter conhecido pente ou escova na vida. O lenço de pescoço, que já fora muitíssimo bem engomado e amarrado meticulosamente, com cada dobra formada a intervalos e ângulos adequados, tinha caído num desarranjo frouxo e amarrotado. Quanto ao resto dos trajés... parecia

que ele dormira vestido. Aliás, essa era a sua aparência usual, não importando o que fosse feito.

Por que é que me incomodo mesmo?, pensou Jaynes, mas o que estava falando era:

– “Rosa de Tebas” é o nome dado a um grande rubi que a heroína encontrou alguns capítulos atrás, quando estava presa na tumba do faraó com as serpentes. É uma história de aventura, veja bem, e faz o maior furor desde o verão.

Assim que o garçom se afastou, o duque relanceou os olhos verdes e entediados para o exemplar da *Argus* em cima da mesa, que ainda não estava aberto. Só por uma fenomenal força de vontade é que Jaynes conseguira resistir a abri-lo.

– Isso explicaria por que você me tirou de casa ao romper da aurora – disse Sua Graça. – E me arrastou de uma livraria para outra, procurando-a... e todas estavam cheias de mulheres. Muitas do tipo errado – acrescentou, com uma careta. – Nunca vi tantas criaturas desmazeladas em tantos aglomerados tagarelas como nesta manhã.

– Já são duas e meia – replicou Jaynes. – O senhor nem viu a manhã. Quanto à aurora, ela estava rompendo quando o senhor enfim chegou cambaleante em casa. Além disso, eu discerni várias jovens atraentes nos grupos que o senhor acabou de desdenhar de modo insensível. Mas, afinal de contas, se não estiverem com o rosto tomado pela pintura e se os seios não estiverem pulando dos corpetes, são invisíveis para o senhor.

– Uma pena também não serem inaudíveis – murmurou o patrão. – Um patetas que só sabem piar e dar sorrisos afetados. E, ao mesmo tempo, dispostas a arrancar os olhos umas das outras por... Que negócio é esse, mesmo? – Ele pegou a revista, olhou a capa e largou-a. – *Argus*, de fato. “O cão de guarda de Londres”, é o que ela se propõe a ser, como se o mundo estivesse faminto por mais doutrinação vinda da Fleet Street.

– A redação da *Argus* fica na Strand, e não na Fleet Street. E sua falta de doutrinação é revigorante. Desde que a Srta. Grenville passou a escrever lá, a publicação se tornou mais parecida com o que o subtítulo afirma. O Argos da mitologia, talvez o senhor se recorde...

– Eu preferiria não me lembrar dos dias de escola. – Ainswood estendeu a mão para a caneca. – Quando não era latim, era grego, e vice-versa. Quando não era nenhum dos dois, era palmatória.

– Isso quando não era bebida, jogos e prostitutas – disse Jaynes, baixinho.

O criado já deveria esperar aquela reação, pois entrara para o serviço de Vere Mallory quando ele contava 16 anos. O ducado se achava aparentemente seguro, com vários Mallorys do sexo masculino postados entre Vere e o título. Mas agora eles não existiam mais. Com a morte do último, um menino de 9 anos, quase um ano e meio antes, o patrão de Jaynes havia se tornado o sétimo duque de Ainswood.

Mas seu caráter não havia mudado nem um pouco com o novo título. Pelo contrário, ele fora de mal a pior, e daí a indizível.

– O Argos tinha cem olhos, o senhor deve lembrar – falou Jaynes em voz alta. – O xará jornalístico tem como objetivo tornar a população bem informada, observando sem se abalar e relatando à metrópole como se tivesse cem olhos. Por exemplo, o artigo da Srta. Grenville falando sobre as jovens infelizes...

– Achei que só havia uma – interrompeu Mallory. – A imbecil que acabou presa na tumba com as cobras. Típico. – Ele abriu um sorrisinho. – E algum pobre idiota precisa galopar para salvar milady. E acabar morrendo de picada de cobra em troca do esforço. Se tiver sorte.

Cabeça-dura, pensou Jaynes.

– Eu não estava me referindo à história do Sr. St. Bellair, cuja heroína, para sua informação, escapou da tumba sem auxílio externo. Estava falando de...

– Não diga: ela matou as cobras de tanto tagarelar. – Ainswood levou a caneca de cerveja aos lábios e a esvaziou.

– Eu estava falando do trabalho da Srta. Grenville. Os artigos e ensaios dela são tremendamente populares com as mulheres.

– Deus nos livre das metidas a intelectuais. Sabe qual é o problema delas, Jaynes? Como não trepam com regularidade, algumas mulheres assumem as fantasias mais estranhas, como a de imaginar que conseguem *pensar*. – O duque limpou a boca com as costas da mão.

Ele era um bárbaro, sem dúvida, pensou Jaynes. Ainswood pertencia às hordas de vândalos que haviam saqueado Roma. Quanto às opiniões sobre as mulheres, desde sua elevação ao ducado, tinham regressado rapidamente ao período antediluviano.

– Nem todas as mulheres são burras – insistiu o criado. – Se o senhor se

der o trabalho de conhecer algumas de sua própria classe em vez de prostitutas analfabetas...

– As prostitutas me dão a única coisa que desejo de uma mulher e não esperam de mim nada além do pagamento. Não consigo imaginar um único motivo para me incomodar com o outro tipo.

– Um bom motivo é: o senhor jamais vai arranjar uma duquesa de verdade caso se recuse a chegar a menos de um quilômetro de uma mulher respeitável.

O duque pousou a caneca.

– Que o diabo o carregue. Vai começar com isso de novo?

– O senhor completará 34 anos em quatro meses. No ritmo em que anda ultimamente, suas chances de chegar a esse aniversário são quase nulas. É preciso considerar o título, as responsabilidades dele, principalmente conseguir um herdeiro.

Ainswood se afastou da mesa e ficou de pé.

– Por que devo considerar o título? Ele nunca me considerou. – O duque pegou o chapéu e as luvas. – Ele deveria ter ficado onde estava e me deixar em paz, mas não quis, não é? Tinha que se esgueirar até mim, um funeral odioso depois do outro. Bom, quero que continue se esgueirando após me enterrarem com os outros. Então ele pode cravar as garras em algum pobre imbecil, como um maldito albatroz!

Com isso, Vere saiu pisando duro.

Alguns instantes depois, Vere chegou ao fim da Catherine Street e rumou para o oeste, pretendendo aquietar seu tumulto interior perto do rio, com a ajuda de mais algumas canecas de cerveja na taberna.

Quando entrou na Strand, viu um cabriolé atravessar o engarrafamento de veículos perto do Exeter'Change. Por pouco ele não acertou com o eixo um vendedor de torta, então se desviou perigosamente na direção de uma carroça que vinha no sentido contrário, corrigiu o rumo na última hora e, depois, virou depressa e seguiu em direção a um cavalheiro que começava a atravessar a rua.

Sem parar para pensar, Vere saltou adiante, agarrou o sujeito e puxou-o de volta para a calçada – um átimo antes de o cabriolé disparar para a Catherine Street.

Enquanto ele passava tropejando, Mallory captou um vislumbre de

quem o estava dirigindo: uma mulher de roupa preta, com um mastim negro ao lado, um cavalo obviamente em pânico às rédeas e nenhum laçao na plataforma atrás para ajudá-la.

Ele pôs o sujeito de lado e correu atrás do veículo.

Lydia praguejou ao ver suas presas entrarem correndo na Russel Court. A passagem apinhada era estreita demais para o cabriolé e, se ela percorresse o longo circuito ao redor do teatro Drury Lane, sem dúvida iria perdê-las. Fez o veículo parar e saltou, seguida de perto por Susan. Um garoto maltrapilho veio correndo.

– Cuide da égua, Tom, e lhe dou um trocado – disse Lydia ao moleque de rua.

Então, suspendendo as saias, entrou correndo na Russel Court.

– Você aí! Solte essa menina!

Susan deu um latido grave que ecoou na passagem estreita.

Madame Brees – era com ela que Lydia gritava – lançou um olhar rápido por cima do ombro, depois disparou à esquerda, entrando num beco mais estreito ainda, rebocando a garota.

Lydia não sabia quem era a menina. Pela aparência, devia ser uma serviçal vinda do campo, provavelmente uma das incontáveis fugitivas que chegavam a Londres todo dia e logo caíam nas garras das cafetinas que esperavam em cada estalagem de diligências desde Piccadilly até Ratcliffe.

Lydia tinha visto as duas na Strand, a garota boquiaberta diante de tudo, como qualquer caipira, enquanto Coralie – vestida como uma matrona respeitável, com uma touca cara empoleirada nos cachos tingidos de graxa preta – arrastava-a implacavelmente para a ruína: a Drury Lane e sua legião de valas de vício, sem dúvida.

Se chegassem a qualquer bordel para onde a madame ia, Lydia não teria permissão de entrar e a garota jamais sairia.

Mas, quando adentrou o beco, viu a jovem arrastando os calcanhares e tentando se soltar da mão de Coralie.

– Isso, garota! – gritou Lydia. – Livre-se dela!

Conseguiu escutar gritos masculinos vindos de trás, mas o latido trovejante de Susan abafou as palavras.

Agora a jovem estava lutando de verdade, mas a cafetina a segurava com força, arrastando-a para o Vinegar Yard. No momento em que Coralie er-

gueu uma das mãos para dar um tapa na garota, Lydia trombou com elas e empurrou a rameira para longe.

Coralie cambaleou para trás, batendo numa parede suja.

– Cadela assassina! Deixe-nos em paz!

Ela se lançou para a frente outra vez, mas não foi suficientemente rápida para alcançar a garota, que Lydia puxou para longe.

– Susan, em guarda – disse à mastim.

A cadela se aproximou da garota, de sua saia marrom e maltrapilha, e soltou um rosnado de alerta. A bandida hesitou, com o rosto retorcido de raiva.

– Recomendo que você se arraste de volta para o buraco de onde veio – falou Lydia. – Se tentar pôr as mãos nessa criança de novo, vou fazer com que você seja presa, acusada de sequestro e tentativa de agressão.

– Acusada, é? – repetiu a mulher. – Vai me dedurar? E o que você quer com ela, sua putinha?

Lydia encarou a jovem assustada, que ora a olhava, ora olhava a cafetina. Obviamente, não sabia em qual das duas confiar.

– Fui atacada e r-roubada – gaguejou a criança – e ela estava me levando para B-Bow Street, para...

– Na verdade, para a ruína – emendou Lydia.

Nesse momento, um rufião alto entrou correndo no Vinegar Yard com outro sujeito nos calcanhares. Vários homens também emergiam de tabernas e becos.

Lydia sabia muito bem que, onde uma turba se congregava, geralmente havia encrenca. Mas não iria deixar que aquela mulher escapasse.

Ignorando a multidão, Lydia se concentrou na jovem.

– A Bow Street fica para lá – avisou, gesticulando para o oeste. – Essa vibora estava levando você para a Drury Lane, onde ficam todos os lindos bordéis. Qualquer um desses sujeitos elegantes pode confirmar.

– Mentirosa! – guinchou Coralie. – Eu a encontrei primeiro! Encontre suas próprias garotas, sua bruxa gigante! Vou lhe dar uma lição por ter vindo caçar no meu quintal.

Ela partiu em direção à menina, mas o rosnado agourento de Susan a fez parar.

– Tire essa fera daí! – berrou. – Ou vou fazer você se arrepender.

Não era de espantar que as garotas tivessem medo dela, refletiu Lydia.

A mulher devia ser meio louca para chegar tão perto assim de Susan. Até os homens – sem dúvida patifes gerados na sarjeta – mantinham uma distância respeitosa da mastim que rosnava.

– Você ainda não entendeu, não é? – disse Lydia calmamente. – Vou contar até cinco. Se não for embora, vou fazer *you* se arrepender muito. Um. Dois. Tr...

– Ora, senhoras... – O rufião alto se aproximou, empurrando outro vagabundo para fora do caminho. – Toda essa ousadia e provocação vai arrebentar seus espartilhos, minhas belezuras. E tudo por quê? Pelo menor dos problemas: uma franguinha que duas galinhas querem. Há um monte de franguinhas por aí, certo? Não vale a pena macular a paz do reino e incomodar os policiais, concordam?

Ele tirou do bolso a sacola de moedas.

– Eis o que vamos fazer: 1 libra para cada uma, minhas caras. E eu livro a pequenina das suas mãos.

Lydia reconheceu a entonação característica das pessoas das classes superiores, que estão acostumadas a dar ordens, mas ficou ultrajada demais para pensar nisso.

– Uma libra?! – exclamou. – É esse o valor que você dá por uma vida humana? *Uma libra?*

Ele fixou os olhos verdes e brilhantes em Lydia, analisando-a de cima a baixo. Era muitos centímetros mais alto do que ela, algo não muito comum.

– Pelo modo como estava guiando a carruagem, você não dá qualquer valor à vida – retrucou com frieza. – Quase matou três pessoas na Strand no intervalo de um minuto. – O olhar descarado do sujeito percorreu a plateia. – Deveria haver uma lei contra mulheres guiando carruagens. Elas são uma ameaça pública.

– Ainswood, não deixe de falar disso no próximo discurso na Câmara dos Lordes! – gritou alguém.

– No próximo? – berrou outro. – Você quer dizer no primeiro, né? Se bem que é capaz de ter um desastre quando ele entrar cambaleante no parlamento.

– Cacete! – exclamou uma voz ao fundo. – Esse aí é o Ainswood?

– É, e bancando nada menos do que o rei Salomão! – respondeu alguém que estava na frente. – Como sempre, puxou o rabo da égua errada. Apre-

sente-se a Sua Graça, Srta. Grenville. Ele está achando que a senhorita é uma abadessa de Covent Garden.

– Que novidade! – disse um dos colegas dele. – Já confundiu a marquesa de Dain com uma cafetina, não foi?

Nesse instante, Lydia percebeu quem era o palerma.

Em maio, Ainswood, bêbado, havia encontrado Dain e sua noiva numa estalagem na noite do casamento deles e se recusara a acreditar que a moça era uma dama, quanto mais esposa. O marquês fora obrigado a corrigir o equívoco do antigo colega de escola com os punhos e o incidente foi o principal assunto em Londres durante semanas.

Não era de se admirar que Lydia tivesse tomado o homem por um patife qualquer de Covent Garden. Pelo que falavam, o duque de Ainswood era um dos libertinos mais depravados, inconsequentes e teimosos listados no *Nobiliário de Debrett*, o que não era um feito pequeno, levando-se em conta o estado lamentável da aristocracia atual.

Além disso, como percebeu Lydia, o duque era um dos mais desalinha-dos. A impressão era que passara dias com as mesmas roupas de corte caro, dormindo ou mergulhado na devassidão. Não estava de chapéu, e uma mecha de cabelo castanho pendia sobre o rosto, que exibia as poucas noites de sono, bem como as muitas de atividades intensas. A única concessão aos cuidados básicos fora deixar que alguém o barbeasse num passado recente – com certeza enquanto estava entorpecido pela bebida.

Percebeu mais do que isso: o brilho de fogo do inferno nas profundezas verdes dos olhos, a inclinação arrogante do nariz, as linhas rígidas do mar-lar e do maxilar... e a própria boca do demônio, prometendo tudo, perfeita para gargalhadas, para o pecado, o que fosse.

Lydia não deixou de ser afetada. O demônio que havia nela, normal-mente bem oculto, com certeza a impeliria para ele. Mas Lydia não era idiota. Sabia reconhecer a expressão de um cafajeste e podia resumi-la em uma palavra: problemas.

Só que aquele cafajeste era um duque, e até mesmo o pior nobre tinha mais influência com as autoridades do que um mero jornalista, ainda mais uma mulher.

– Sua Graça, o senhor se confundiu – disse ela com polidez rígida. – Sou Grenville, da revista *Argus*. Esta mulher é conhecida por seus atos crimi-nosos. Estava atraindo a garota para um bordel sob o pretexto de levá-la à

Bow Street. Se o senhor levar a cafetina sob custódia, eu irei acompanhá-lo com prazer e testemunhar...

– Sua mentirosa desgraçada! Eu só estava levando a menina para o Pearkes's. – Coralie indicou o restaurante de frutos do mar do lado oposto.

– Para comer uma coisinha. Ela passou por alguns problemas...

– E terá problemas muito piores nas suas mãos – interrompeu Lydia, e voltou sua atenção para Ainswood. – O senhor sabe o que acontece com as crianças que têm a infelicidade de cair nas garras dela? Passam fome, são espancadas e esturpadas até se reduzirem a um estado de terror abjeto. Depois, ela as coloca na rua, algumas com 11 e 12 anos...

– Sua puta falsa, imunda! – bradou a cafetina.

– Estou manchando sua honra? – perguntou Lydia. – Ficarei feliz em dar satisfação. Aqui e agora se quiser. – Ela avançou para cima da alcoviteira. – Vejamos como você se sente do lado errado de uma surra.

Duas mãos grandes seguraram seus braços e a puxaram para trás.

– Basta, senhoras. Vocês estão me dando uma tremenda dor de cabeça. Vamos fazer as pazes, está bem?

– Sensacional! – gritou alguém. – Ainswood promovendo um acordo de paz. Será que a vaca tossiu quando eu não estava olhando?

Lydia olhou para a mão que apertava seu braço.

– Tire as patas de mim – ordenou com frieza.

– Garanto que vou tirar quando alguém me arranjar uma camisa de força para colocar em você. Quem a deixou sair do hospício?

Lydia desferiu uma cotovelada no homem, esperando encontrar uma barriga flácida. Porém, acabou atingindo um abdômen rígido e a dor se irradiou pelo antebraço até o pulso. Ainda assim, o golpe não foi inútil, pois o duque murmurou um palavrão e a soltou, em meio a vaias e assobios da multidão.

Saia daqui enquanto pode, alertou sua voz da razão, e não olhe para trás.

Lydia a teria ouvido se a irritação provocada pelos comentários zombeteiros não se esganiçasse mais alto ainda. A natureza não havia formado seu caráter para recuar, e seu orgulho proibia qualquer atitude que sugerisse fraqueza ou – que Deus não permitisse – medo.

Com os olhos semicerrados e o coração martelando furiosamente, ela o encarou.

– Encoste a mão em mim de novo e eu vou deixar seus dois olhos roxos.

– Ah, faça isso, alteza! – instigou um espectador. – Toque nela de novo.

– É, eu aposto em você, Ainswood!

– E eu aposto que ela vai lhe dar um par de butucas inchadas, como prometeu – desafiou outra voz.

Enquanto isso, o duque a avaliava da touca às botas de cano médio.

– É grande, sim, mas não tanto quanto eu – anunciou. – Avalio que tenha um 1,75 metro. E uns 65 quilos despida – acrescentou, analisando o corpete de Lydia. – Aliás, eu pagaria 50 guinéus para vê-la nua.

As previsíveis gargalhadas ásperas e os comentários lascivos se seguiram a isso.

Nem o riso nem as obscenidades desconcertaram Lydia. Ela conhecia aquele mundo rude; tinha passado a maior parte da infância nele. Mas o barulho da turba a fez se lembrar da questão principal. A garota que ela queria resgatar estava imóvel, com a expressão assombrada de alguém que se encontrasse na selva, cercada por canibais – o que não estava muito longe da realidade.

Ainda assim, Lydia não podia deixar aquele imbecil dar a última palavra.

– Ah, parabéns. Está melhorando a educação da criança, não é? Dando uma bela visão dos costumes em Londres e da moral elevada da nobreza.

Tinha muito mais a dizer, porém lembrou que seria o mesmo que fazer sermão para uma pedra. Se aquele babaca já tivera alguma consciência, ela havia morrido abandonada décadas antes.

Contentando-se com um último olhar gélido para o duque, virou-se e começou a andar até a jovem.

Lydia examinou a multidão às pressas e, frustrada, percebeu que a cafetina havia sumido. De qualquer forma, caso ela tivesse ficado, não teria feito muita diferença, já que nenhum daqueles imbecis boquirrotos se importava com qualquer coisa além da própria diversão.

– Venha, querida – disse, aproximando-se da garota. – Não vamos conseguir nada com essa rale.

– Srta. Grenville – ela ouviu a voz do duque atrás de si.

Com os nervos à flor da pele, Lydia girou e trombou com um corpo rijo. Recuou, mas apenas meio passo, ergueu o queixo e empertigou a coluna.

Ele ficou imóvel e ela se esforçou para se manter firme. Não conseguia ver direito para além do tronco forte, e de perto tinha uma consciência avassaladora da estrutura muscular que as roupas justas envolviam.

– Reflexos excelentes – comentou ele. – Se você não fosse mulher, eu aceitaria sua oferta. Quero dizer, a das butucas inchadas. Ou, melhor, dos olhos...

– Eu sei o que significa.

– De fato é ótimo ter um vocabulário amplo. Mas, no futuro, minha pombinha, recomendo que exercite um pouquinho de sua razão, uma lasca mínima, antes de exercitar a língua. Você consegue fazer isso, não é? Porque outro sujeito, veja bem, poderia receber suas pequenas e adoráveis ousadias e provocações como um desafio divertido. Nesse caso, você poderia se pegar num tipo de confronto diferente. Entende o que quero dizer, minha pequena?

Lydia arregalou os olhos.

– Ah, nossa, não – disse, ofegante. – O senhor é profundo demais para mim, Sua Graça. Meu cérebro minúsculo simplesmente não consegue acompanhá-lo.

Os olhos verdes dele brilharam.

– Tavez a touca esteja apertando muito a sua cabeça.

Ele ergueu os braços e deteve as mãos a centímetros das fitas da touca.

– Eu não faria isso se fosse o senhor – disse ela com a voz calma, o coração retumbando nas costelas.

Vere gargalhou e puxou as fitas. Lydia tentou socá-lo, mas ele agarrou seu punho, ainda rindo, e puxou-a para si.

Ela meio que havia esperado isso, presentiu o que viria. Mas não estava preparada para o calor nem para a explosão de sensações que não conseguia identificar, e eles a desestabilizaram.

No instante seguinte, sua boca estava na dele, quente, firme e experiente demais, e Lydia começou a tombar para trás, desorientada e impotente. Tinha uma consciência pulsante da mão enorme grudada em suas costas, do calor irradiado através das camadas de tecido de suas roupas e das peças íntimas, da ardência na cintura, enlaçada pelo braço musculoso.

Durante um momento perigoso, sua mente cedeu como os músculos, dominada pelo ardor, pela força e pela mistura caótica de cheiro e sabor masculinos.

Mas seus instintos haviam sido moldados de forma rígida e, no instante seguinte, ela reagiu.

CONHEÇA OUTROS ROMANCES DA EDITORA ARQUEIRO

O DUQUE E EU

Julia Quinn

Simon Basset, o irresistível duque de Hastings, acaba de retornar a Londres depois de seis anos viajando pelo mundo. Rico, bonito e solteiro, ele é um prato cheio para as mães da alta sociedade, que só pensam em arrumar um bom partido para suas filhas.

Simon, porém, tem o firme propósito de nunca se casar. Assim, para se livrar das garras dessas mulheres, precisa de um plano infalível.

É quando entra em cena Daphne Bridgerton, a irmã mais nova de seu melhor amigo. Apesar de espirituosa e dona de uma personalidade marcante, todos os homens que se interessam por ela são velhos demais, pouco inteligentes ou destituídos de qualquer tipo de charme. E os que têm potencial para ser bons maridos só a veem como uma boa amiga.

A ideia de Simon é fingir que a corteja. Dessa forma, de uma tacada só, ele conseguirá afastar as jovens obcecadas por um marido e atrairá vários pretendentes para Daphne. Afinal, se um duque está interessado nela, a jovem deve ter mais atrativos do que aparenta.

Mas, à medida que a farsa dos dois se desenrola, o sorriso malicioso e os olhos cheios de desejo de Simon tornam cada vez mais difícil para Daphne lembrar que tudo não passa de fingimento. Agora ela precisa fazer o impossível para não se apaixonar por esse conquistador inveterado que tem aversão a tudo o que ela mais quer na vida.

Primeiro dos oito livros da série Os Bridgertons, O duque e eu é uma bela história sobre o poder do amor, contada com o senso de humor afiado e a sensibilidade que são marcas registradas de Julia Quinn, autora com 8 milhões de exemplares vendidos.

DESEJO À MEIA-NOITE

Lisa Kleypas

Após sofrer uma decepção amorosa, Amelia Hathaway perdeu as esperanças de se casar. Desde a morte dos pais, ela se dedica exclusivamente a cuidar dos quatro irmãos – uma tarefa nada fácil, sobretudo porque Leo, o mais velho, anda desperdiçando dinheiro com mulheres, jogos e bebida.

Certa noite, quando sai em busca de Leo pelos redutos boêmios de Londres, Amelia conhece Cam Rohan. Meio cigano, meio irlandês, Rohan é um homem difícil de se definir e, embora tenha ficado muito rico, nunca se acostumou com a vida na sociedade londrina.

Apesar de não conseguirem esconder a imediata atração que sentem, Rohan e Amelia ficam aliviados com a perspectiva de nunca mais se encontrarem. Mas parece que o destino já traçou outros planos.

Quando se muda com a família para a propriedade recém-herdada em Hampshire, Amelia acredita que esse pode ser o início de uma vida melhor para os Hathaways. Mas não faz ideia de quantas dificuldades estão a sua espera.

E a maior delas é o reencontro com o sedutor Rohan, que parece determinado a ajudá-la a resolver seus problemas. Agora a independente Amelia se verá dividida entre o orgulho e seus sentimentos.

Será que Rohan, um cigano que preza sua liberdade acima de tudo, estará disposto a abrir mão de suas raízes e se curvar à maior instituição de todos os tempos: o casamento?

AS REGRAS DA SEDUÇÃO

Madeline Hunter

Lorde Hayden Rothwell chega à casa de Alexia Welbourne sem aviso e sem ser convidado – um homem poderoso e sedutor, movido por interesses obscuros. Sua visita anuncia a ruína financeira da família de Alexia e o fim das esperanças da jovem de um dia conseguir um bom casamento.

Para se sustentar, a moça recebe a proposta de ser dama de companhia de Lady Henrietta Wallingford e preceptora de sua filha. O problema é que a oferta vem do sobrinho de Henrietta, ninguém menos que lorde Hayden.

Morando na casa da tia de Rothwell, Alexia descobre que a proximidade com o homem que destruiu sua família pode ser perigosamente irresistível. Num gesto impensado, ela se entrega a ele, e ambos se veem obrigados a se casar.

O que Alexia não sabe é que os atos aparentemente arrogantes de seu belo e sensual marido são motivados por uma dívida de honra que pode levá-lo a sacrificar tudo.

Com tantas mágoas e segredos entre eles, o casal tem tudo para se manter afastado. Mas Hayden é um homem apaixonante e Alexia, a tentação que o faz perder a cabeça. Morando sob o mesmo teto, eles acabam se aproximando e, juntos, vão descobrir um jogo de sedução em que cada um faz as próprias regras.

LIGEIRAMENTE CASADOS

Mary Balogh

À beira da morte, o capitão Percival Morris fez um último pedido a seu oficial superior: que ele levasse a notícia de seu falecimento a sua irmã e que a protegesse – “Custe o que custar!”

Quando o honrado coronel lorde Aidan Bedwyn chega ao Solar Ringwood para cumprir sua promessa, encontra uma propriedade próspera, administrada por Eve, uma jovem generosa e independente que não quer a proteção de homem nenhum.

Porém Aidan descobre que, por causa da morte prematura do irmão, Eve perderá sua fortuna e será despejada, junto com todas as pessoas que dependem dela... a menos que cumpra uma condição deixada no testamento do pai: casar-se antes do primeiro aniversário da morte dele – o que acontecerá em quatro dias.

Fiel à sua promessa, o lorde propõe um casamento de conveniência para que a jovem mantenha sua herança. Após a cerimônia, ela poderá voltar para sua vida no campo e ele, para sua carreira militar.

Só que o duque de Bewcastle, irmão mais velho do coronel, descobre que Aidan se casou e exige que a nova Bedwyn seja devidamente apresentada à rainha. Então os poucos dias em que ficariam juntos se transformam em semanas, até que eles começam a imaginar como seria não estarem apenas ligeiramente casados...

Neste primeiro livro da série Os Bedwyns, Mary Balogh nos apresenta à família que conhece o luxo e o poder tão bem quanto a paixão e a ousadia. São três irmãos e três irmãs que, em busca do amor, beiram o escândalo – e seduzem a cada página.

A IRMÃ DA TEMPESTADE

Lucinda Riley

Ally D'Aplièse é uma grande velejadora e está se preparando para uma importante regata, mas a notícia da morte do pai faz com que ela abandone seus planos e volte para casa, para se reunir com as cinco irmãs. Lá, elas descobrem que Pa Salt – como era carinhosamente chamado pelas filhas adotivas – deixou, para cada uma delas, uma pista sobre suas verdadeiras origens.

Apesar do choque, Ally encontra apoio em um grande amor. Porém mais uma vez seu mundo vira de cabeça para baixo, então ela decide seguir as pistas deixadas por Pa Salt e ir em busca do próprio passado.

Nessa jornada, ela chega à Noruega, onde descobre que sua história está ligada à da jovem cantora Anna Landvik, que viveu há mais de cem anos e participou da estreia de uma das obras mais famosas do grande compositor Edvard Grieg. E, à medida que mergulha na vida de Anna, Ally começa a se perguntar quem realmente era seu pai adotivo.

Em *A irmã da tempestade*, segundo volume da série *As Sete Irmãs*, as vidas de duas grandes mulheres separadas por gerações se entrelaçam numa história sobre amor, ambição, família, perda e o incrível poder de se reinventar quando o destino destrói todas as suas certezas.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br